

## MOVIMENTOS DESVIADOS

Deus não esqueceu o Seu povo, escolhendo um homem isolado aqui e outro ali, como os únicos dignos de que lhes confie a verdade. Não dá a um homem luz contrária à estabelecida fé do corpo de crentes. Em toda a reforma, surgiram homens pretendendo isso. Paulo advertiu a igreja de seu tempo: «Dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si.» Actos 20:30. O maior mal do povo de Deus vem por intermédio dos que saem de seu meio, falando coisas perversas. Por eles é blasfemado o caminho da verdade.

Ninguém confie em si mesmo, como se Deus lhe houvesse conferido luz especial acima de seus irmãos. Cristo é representado como habitando em Seu povo, e os crentes, como «edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.» Efés 2:20-22.

Aquilo a que o irmão D chama luz, é aparentemente inofensivo; não parece que alguém pudesse por aquilo ser prejudicado. Mas, irmãos, é o estratagema de Satanás, é a cunha que usa para penetrar. Isto foi tentado repetidamente. Alguém aceita umas ideias novas e originais, que não parecem discordar da verdade. Fala disso e sobre isso se demora, até que lhe parece revestido de beleza e importância, pois Satanás tem poder para lhe dar essa falsa aparência. Por fim torna-se o seu tema todo-absorvente, o

único e grande ponto em volta do qual tudo gira; e a verdade é desarraigada do coração.

Assim que se iniciam ideias erradas no espírito do irmão D, começa ele a perder a fé e a questionar a obra do Espírito que há tantos anos se vem manifestando entre nós. Não é ele homem capaz de manter isso que ele crê ser luz especial, sem a comunicar a outros; portanto, não é seguro dar-lhe influência que o habilite a abalar outras mentes. Seria abrir uma porta pela qual Satanás introduziria apressadamente muitos erros, para desviar a mente da importância da verdade para este tempo. Irmãos, como embaixador de Cristo, advirto-vos que vos guardéis contra esses movimentos desviados, cuja tendência é distrair a mente da verdade. O erro jamais é inofensivo. Nunca ele santifica, mas sempre traz confusão e dissensão. É sempre perigoso. O inimigo tem grande poder sobre os espíritos que não se achem plenamente fortalecidos pela oração, e firmados na verdade bíblica.

Existem mil tentações disfarçadas, preparadas para os que têm a luz da verdade; e a única segurança para qualquer de nós está em não recebermos nenhuma nova doutrina, nenhuma interpretação nova das Escrituras, antes de submetê-la à consideração dos irmãos de experiência. Apresentai-a a eles, com espírito humilde e pronto para aprender, fazendo fervorosa oração; e, se eles não virem luz nisso, atendei ao seu juízo, porque «na multidão de conselheiros há segurança.» Prov. 11:14. — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 103-105. E. G. White

## SUMÁRIO

Necessidade de uma Renovação Diária  
Abraão e Jonas  
O Movimento Carismático  
Administradores de Deus  
Actividades de Comissão sem credenciais  
Através do Mundo Adventista  
História do Mês  
Notícias do Campo  
Investigação de Assuntos Teológicos

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

JUNHO DE 1974

ANO XXXV

N.º 334

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA  
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º  
S A C A V E M

Composto e impresso na

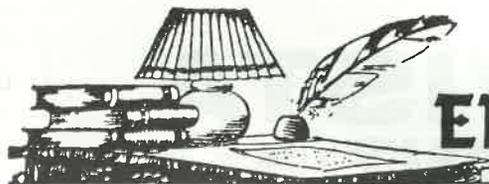
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.

Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Estrangeiro (excepto Brasil e Espanha): 55\$00

Número avulso 4\$00



# Página EDITORIAL

## Necessidade de uma renovação diária

*Todos temos experimentado em nossas vidas e em nossas igrejas momentos de precioso fervor cristão. Parece-nos, nesses momentos, que o Céu se encontra bem perto de nós, o nosso coração transborda de paz e alegria, estamos dispostos a fazer tudo por Cristo, fruimos a esperança, mais do que isso, a certeza inabalável de uma salvação eterna. Sentimos prazer em orar, em estudar a Palavra de Deus, em assistir aos cultos, em participar nas actividades da igreja.*

*Sucedem, porém, que passado algum tempo toda essa bem-aventurada experiência se dissipou, como que por encanto. A mente sente-se obtusa para as coisas espirituais, à paz e alegria sucede a dúvida e a indiferença, o Céu parece de chumbo, o futuro anuncia-se carregado de sombras.*

*Entretanto sentimo-nos envolvidos pela influência do mundo, com o qual a pouco e pouco nos conformamos.*

*Qual a solução para tão desagradável experiência?*

*O apóstolo Paulo dá-nos a resposta nas seguintes palavras: «Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus que é o vosso culto racional, e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.» Rom. 12:1, 2.*

*Com efeito, a fim de não estacionarmos e de nos não conformarmos com o mundo, necessitamos de uma renovação diária. A experiência de ontem, por mais extraordinária que tenha sido, não basta para as necessidades, tentações e novas situações de hoje. Carecemos cada dia de uma nova conversão, de um novo en-*

*contro com Deus, de novo suprimento de poder, de nova mundividência cristã.*

*O apóstolo salienta noutros textos a necessidade imprescindível desta renovação diária. Aos crentes de Éfeso exorta a que «vos renoveis no espírito do vosso sentido». Efés. 4:23. Aos de Colossos lembra que «já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem d'Aquele que o criou». Col. 3:10.*

*A vida cristã tem de ser uma experiência progressiva; «é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito». Prov. 4:18.*

*E o que dizemos do crente individualmente pode aplicar-se à igreja como corpo de crentes. Também esta necessidade de uma renovação diária. Não pode contentar-se com a experiência dos seus pioneiros, com os louros das suas consecuições passadas, com os métodos de abordagem pessoal e de trabalho que correspondiam às condições de ontem mas não se adaptam mais às de hoje, com uma visão da sociedade e do mundo que se encontra ultrapassada.*

*Mantendo embora o espírito e a pureza dos princípios, carecemos de uma renovação diária para levarmos avante o programa que nos foi confiado.*

*Como indivíduos e como igreja, façamos nossas as palavras do apóstolo Paulo: «Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.» Fil. 3:13, 14.*

E. Ferreira

# ABRAÃO E JONAS

## — As duas imagens da Igreja Remanescente

por Artur A. Oliveira

A vida de um homem evoca a de outro. Isto nem sempre acontece por semelhança, mas também por contraste. De qualquer modo, para que haja contraste, é necessário que os dois termos de comparação se situem num plano que estabeleça uma identidade entre um e outro, caso contrário a associação não se dará. Estão neste caso Abraão e Jonas.

Qual o plano comum em que ambos se situam, fundamentalmente? Apenas nisto: foram ambos chamados por Deus para o desempenho de uma missão específica que os tornava arautos do Céu para um mundo incrédulo. O contraste ou a quebra de continuidade no plano analógico das duas personagens bíblicas, ressalta da forma, nitidamente diferente, em que cada uma cumpriu a sua missão. E, ao examiná-la, encontraremos lições preciosas para nós, tanto quanto é certo que fazemos parte de uma Igreja que tem a divina incumbência de transmitir a última advertência de Deus ao mundo.

### Sob o Signo da Fé ou da Dúvida?

Assinalemos, antes de mais, os dois elementos preponderantes nos quais Abraão e Jonas realizaram, total ou parcialmente, a sua missão. Este facto simboliza, eloquentemente, o grande factor psicológico que orientou a vida de cada um. Abraão «o amigo de Deus», manteve-se sempre em terreno firme ou sólido — a terra das suas peregrinações — obedecendo a Deus, incondicionalmente, «como vendo o invisível». Ao passo que o drama da fuga de Jonas decorre, em grande parte, no mar — elemento líquido e instável — e que a Bíblia usa, algures, para simbolizar a dúvida ou a falta de fé. (Ver S. Tiago 1:6, 7).

Que estes foram os factores que impulsionaram ou assinalaram a vida destes dois homens é evidente e mais evidente se torna ainda pela leitura dos textos que, separadamente, transcrevemos do Espírito de Profecia:

«Aquela obediência expedita de Abraão é uma das provas mais notáveis de fé a serem encontradas em toda Bíblia.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 120.

«Como o profeta (Jonas) se pusesse a pensar nas dificuldades e aparentes impossibilidades desta comissão, foi tentado a pôr em dúvida a sabedoria do chamado... Enquanto hesitava, duvidando ainda, Satanás sobrecarregou-o com o desencorajamento. O profeta foi tomado de grande temor, e 'se levantou para fugir de diante da face do Senhor para Tarsis'.» — *Profetas e Reis*, pág. 266.

Crer ou não crer — eis a questão!

### «Altars» de Testemunho Derrubados

Onde quer que Abraão «armasse a sua tenda, junto erigia um altar» em torno do qual reunia «todos os que faziam parte do seu acampamento para o sacrifício da manhã e da tarde». (*Patriarcas e Profetas*, pág. 122, 123). Mais tarde «houve os que entre os cananeus errantes receberam instrução de Abraão; e, quando um desses vinha àquele altar, sabia quem havia estado ali antes; e, depois de armar a tenda, reparava o altar, e ali adorava o Deus vivo». Mas o melhor testemunho da sua vida exemplar está registado no Livro Sagrado: «Porque Eu (Deus) o tenho conhecido, que ele há-de ordenar aos seus filhos e à sua casa, depois dele, para que guardem o caminho do Senhor, para obrarem com justiça e juízo; para que o Senhor faça vir sobre Abraão o que acerca dele tem falado.» — Gênesis 18:19.

Quanto a Jonas, infelizmente, não se pode dizer outro tanto. Os seus «altars» de testemunho eram sistematicamente derrubados. Primeiro foi atingido o «altar» da família, ao recusar o chamado de Deus, depois o «altar» entre os marinheiros no alto mar, dormindo no porão em lugar de orar no convés do navio e, por último, o «altar» entre os ninivitas arrependidos, dando, pela sua atitude, uma falsa representação do carácter de Deus. O que se poderá dizer hoje dos nossos «altars»?

### Uma Lição de Mordomia

Outra lição preciosa na vida de Abraão, em correspondente contraste com a vida de Jonas, é a que diz respeito à mordomia.

Dela, na realidade, pouco sabemos, mas esse pouco é importante como índice dos hábitos de vida do grande patriarca, neste domínio. Perante Melquisedec, rei de Salem, cumpriu um dos mais elementares deveres do cristão: «E deu-lhe o dízimo de tudo». — Génesis 14:20.

Como dissemos, Jonas também aqui nos dá um exemplo negativo. De igual modo, pouco sabemos, explicitamente, sobre os seus hábitos de dispenseiro dos bens de Deus. Mas esse pouco é concludente. Lemos simplesmente que este «pagou, pois, a sua passagem, e desceu para dentro dele (navio) para ir com eles para Tarsis, de diante da face do Senhor». — Jonas 1:3. Jonas fez um mau uso do dinheiro. Aquela viagem era inútil e afastava-o do cumprimento do dever. Como bom e fiel mordomo deveria ter aplicado aquela despesa a um fim mais útil e proveitoso. «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro — diz Deus — para que haja mantimento na Minha casa...» — Malac. 3:10.

O pagamento dos dízimos e a liberalidade nas ofertas justificará o uso indiscriminado do nosso dinheiro? Ou será um e outro apenas um teste do nosso reconhecimento de que todos os bens que possuímos, sejam eles quais forem, pertencem fundamentalmente a Deus?

### Sacrifício ou Comodismo?

Abraão deixou-nos o mais elevado exemplo de sacrifício. Mesmo na hora mais difícil da sua vida, ao lhe ser exigida a prova suprema — o sacrifício de Isaac — não vacilou. É assim que assistimos ao mais doloroso quadro de um ancião que sobe a um monte para ali oferecer em holocausto o seu querido filho — o filho do seu coração! Fazia-o em cumprimento à expressa ordem divina. Só a oportuna intervenção do «anjo do Senhor» evitou a consumação do acto. Deus recompensou esta extraordinária prova de fé e sacrifício ractificando o Seu concerto com Abraão e com os seus descendentes. Esta bênção chegou até nós e só a eternidade mostrará os seus frutos!

Em contraste, Jonas manifestou o mais desconcertante espírito de egoísmo e o mais condenável comodismo. Indiferente perante a sorte de cento e vinte mil almas que não sabiam discernir «entre a sua mão direita e a sua mão esquerda» bem como à sorte de «muitos animais» ficou deveras sensibilizado com a morte de uma «aboboreira», planta essa «que numa noite nasceu e numa noite pereceu». Mas mesmo nesta aparente simpatia por uma frágil plantazinha se

manifesta o seu egoísmo intolerável. É que esta, com a sua sombra, servia-lhe de anteparo contra os raios solares que, sem qualquer pudor, feriam a sua cabeça!...

Daremos nós, em face da ingente tarefa que nos espera, melhores provas de sacrifício?

### Perante o Castigo dos Ímpios — Duas Atitudes

Finalmente o último contraste, aquele que consideramos mais flagrante e, por isso mesmo, mais útil para nós, ao considerarmos a vida de Abraão e de Jonas, resulta das atitudes diferentes que manifestaram perante a sorte iminente dos ímpios.

Ao saber, por revelação divina, que os juízos do Céu estavam prestes a cair sobre as cidades de Sodoma e Gomorra — célebres pela sua vida pecaminosa — Abraão iniciou uma das mais notáveis e comoventes intercessões que conhecemos nas Escrituras. (Ver Génesis 18:23-33). Com sabedoria, tacto e prudência que só o genuíno amor é capaz de produzir, pleiteou perante o «Juiz de toda a terra» até conseguir obter de Deus a promessa que, caso existissem nelas dez justos, aquelas ímpias cidades seriam poupadas!

E aqui não resistimos à tentação de intercalar estas solenes palavras de exortação da pena inspirada de Ellen White dirigindo-se à Igreja remanescente:

«Uma grande responsabilidade cabe aos homens e mulheres de coração através do país, de pedir a Deus que detenha a nuvem do mal e conceda mais alguns anos de graça, nos quais possamos trabalhar para o Mestre. Chamemos a Deus para que os anjos segurem os quatro ventos até que sejam enviados missionários a todas as partes do mundo, e proclamem a advertência contra a desobediência à lei de Jeová» — *Testemunhos Selectos*, Vol. II, págs. 324, 235. (Citação extraída do opúsculo *Movimento de Destino*, pág. 39).

Mas o profeta Jonas, ao concluir a sua entusiástica campanha de evangelização, ainda sob os efeitos do grande milagre de que fora objecto, limitou-se a observar os resultados. Segundo a sua pregação, Ninive seria arrasada dentro de quarenta dias. Mas estes passaram-se lentamente e, do seu ponto estratégico de observação, Jonas verificou com surpresa, que afinal nada acontecera. O seu desgosto foi tão espontâneo que manifestou a Deus o desejo de morrer... O seu mal orientado zelo nacional impediu-o de ver uma outra e maior reali-

*Continua na pág. 19*

# O MOVIMENTO CARISMÁTICO

## SEGUNDO ARTIGO, DE UMA SÉRIE DE TRÊS.

por Jean Zurcher

Dada a confusão que hoje prevalece acerca do assunto das línguas e do falar em línguas, em círculos cristãos, e até entre muitos adventistas do sétimo dia, devemos recorrer à Palavra de Deus para saber o que ela ensina a esse respeito. O apóstolo João admoestou: « Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; ...Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro» (I João 4:1, 6).

Para a pessoa que deseje conhecer o que a Bíblia ensina acerca do dom das línguas, é imperioso um estudo cuidadoso dos cinco textos do Novo Testamento que mencionam esse dom. Só deste modo poderemos emitir uma opinião sobre as extraordinárias manifestações do movimento carismático, o qual considera o falar em línguas uma prova positiva do baptismo do Espírito. Consideramos esses textos na ordem cronológica dos acontecimentos, tendo em mente o facto de a cronologia dos livros do Novo Testamento em que eles se encontram ser dada na ordem inversa.

### Marcos 16:17

A primeira menção que encontramos na Bíblia acerca do dom das línguas foi feita pelo próprio Jesus. Encontra-se entre as promessas dadas aos discípulos depois da ressurreição. Quando estava quase a deixá-los, o Mestre confiou-lhes a missão de evangelizar o mundo. Marcos, o único evangelista que registou este pormenor, escreveu: «E estes sinais seguirão aos que crerem: Em Meu nome expulsarão os demónios; falarão novas línguas.»

É interessante notar que Jesus, o primeiro a falar do dom das línguas, fê-lo sob a forma duma promessa. É também importante sublinhar o contexto desta promessa — a comissão evangélica para a evangelização do mundo. Foi para esse objectivo — para a pregação do «evangelho a toda a criatura» — que o Salvador prometeu conceder o dom de falar em novas línguas.

O adjectivo «novas» não significa que os discípulos devessem falar em línguas que nessa altura ainda não existiam, como alguns argumentam: O sentido é que os discípulos falariam em línguas que seriam novas para eles, línguas até então estranhas para eles, línguas que haveriam de falar sem as haverem aprendido.

É assim que Ellen White explica este assunto: «E um novo dom foi então prometido. Deviam pregar entre outras nações, e receberiam poder de falar outras línguas. Os apóstolos e os seus cooperadores eram homens iletrados, todavia mediante o derramamento do Espírito, no dia de Pentecostes, a sua linguagem, quer no próprio idioma ou num estrangeiro, tornou-se pura, simples e correcta, tanto nas palavras como no acento.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 609 (Edição de Portugal).

O cumprimento da promessa de Jesus no dia de Pentecostes e o relato que Lucas deu dessa manifestação constitui a melhor explicação do dom.

### Actos 2: 1-13

Esta é a mais significativa passagem da Bíblia sobre o dom das línguas. É importante lembrar que Lucas, o íntimo colaborador de Paulo, é o autor do livro dos Actos, e que ele o escreveu cerca de dez anos depois de Paulo ter escrito a primeira epístola aos Coríntios, na qual o apóstolo trata do problema do dom das línguas tal como era praticado na igreja de Corinto (capítulos 12-14). Talvez que a insistência de Lucas em definir com clareza o sentido dado ao dom das línguas estivesse relacionado com as instruções que Paulo escreveu aos Coríntios para corrigir os seus erros. O adjectivo «outras» usado por Lucas é por si só bastante explicativo: «E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas» (vers. 4). Na realidade, Lucas usa a expressão «falar noutras línguas» apenas uma vez nesta passagem (vers. 4). Nos versículos 6 e 8, ele usa definitivamente uma palavra diferente, *dialectos* em vez de *glosais* (línguas), para assinalar que era de facto questão do idioma particular duma nação ou região específica. (conf. Actos 1:19; 21:40; 22:2; 26:14.) Há menção de dezasseis regiões linguísticas nos versículos 9 e 10, cujos representantes exclamaram: «...todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus» (vers. 11), «...ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua (*dialectos*). E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens

que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua (*dialectos*)?» (vers. 6-8).

Não se trata duma «língua desconhecida,» «uma língua espiritual,» ou «uma língua celestial.» Pelo contrário, as línguas usadas pelos discípulos são especificamente designadas como línguas faladas. O milagre do Pentecostes foi que Deus concedeu aos discípulos a capacidade de falar fluentemente em línguas que até essa altura lhes eram desconhecidas. Além disso, representantes de diversas nacionalidades reconheceram que as línguas usadas pelos discípulos eram as suas próprias línguas. Em *Actos dos Apóstolos*, Ellen White confirma esta interpretação: «O Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, repousou sobre a assembleia. Isto era um emblema do dom então outorgado aos discípulos, o qual os capacitava a falar com fluência línguas com as quais não tinham nunca tomado contacto... Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço à proclamação do evangelho; Deus, portanto, de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por eles o que não teriam podido fazer por si mesmos em toda a existência. Agora podiam proclamar as verdades do evangelho em toda a parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Este miraculoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o trabalho deles levava o sinete do Céu. Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, quer falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira.» — págs. 39, 40.

#### Actos 10:46

O terceiro exemplo de falar em línguas encontra-se em Actos 10:46, em ligação com a conversão do primeiro pagão, o centurião Cornélio. Todos conhecem os pormenores da narrativa como estão relatados nos capítulos 10 e 11. «E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra... E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilhavam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus» (10: 44-46).

De novo é evidente que as línguas aqui faladas não eram ininteligíveis, visto que Paulo e os seus companheiros «os ouviram... magnificar a Deus.» Em Actos 11:15 Pedro explica: «...caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princí-

pio.» Aqui, Pedro estabelece uma comparação entre a experiência de Cornélio e a da igreja de Jerusalém no dia do Pentecostes. No Pentecostes, falar em línguas foi o meio que Deus usou para anunciar as novas do evangelho a crentes judeus que tinham vindo a Jerusalém para O adorar. Nesta experiência particular, o facto de Cornélio e a sua família falarem em línguas foi um sinal para Pedro e para a igreja de Jerusalém crerem que «Deus não faz acepções de pessoas; mas que Lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, O teme e obra o que é justo (Actos 10:34, 35). Deus voltou a usar o dom das línguas — o mesmo dom concedido aos discípulos no princípio — como um sinal para convencer Pedro e a igreja. A admiração inicial seguiu-se a conclusão lógica, por comparação com o que havia acontecido no Pentecostes: «Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quando havemos crido no Senhor Jesus Cristo, quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?» (11:17). «Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam baptizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?» (10:47).

#### Actos 19:1-6

Esta é a terceira e última referência feita ao dom de falar em línguas, no livro dos Actos dos Apóstolos. É mencionado em relação com a obra missionária de Paulo em Éfeso e na província da Ásia. Novamente neste caso o dom das línguas é um sinal visível do dom do Espírito. Aqui é igualmente questão de falar línguas estrangeiras, como no Pentecostes. Ellen White explica que aqueles homens «receberam também o baptismo do Espírito Santo, que os capacitou a falar as línguas de outras nações e a profetizar.» — *Actos dos Apóstolos*, pág. 283.

«E a profetizar!» É esse precisamente o objectivo de falar em línguas, como Pedro declarou no seu sermão do Pentecostes, citando o profeta Joel (2:17, 18). Além do mais, Paulo fez a mesma comparação quando disse aos Coríntios que «o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação... e (se) algum indouto ou infiel entrar, de todos é convencido,... e assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está verdadeiramente entre vós» (I Cor. 14:3, 24, 25).

Estes são os autênticos resultados obtidos pelos discípulos de Paulo, como se encontram descritos em Actos 19:8-12. «Dessa forma estavam habilitados a trabalhar como

(Continua na pág. 19)

# ADMINISTRADORES DE DEUS

por S. L. Folkenberg

Há muito tempo o Mestre partiu para uma demorada viagem. Antes de partir, chamou a Si os Seus seguidores e conferiu-lhes uma grande honra, ao mesmo tempo que uma grande responsabilidade. Disse-lhes, que, na Sua ausência, eles deviam ser os Seus representantes, os administradores dos Seus bens. Assegurou-lhes que concederia a Sua bênção sobre o serviço fiel que eles prestassem. O resultado foi o Pentecostes e toda a Jerusalém foi sacudida. Naquele primeiro século o evangelho atingiu o mundo inteiro então conhecido. Não existem limites para os resultados quando o dedicado esforço humano se torna um canal para o poder divino.

Antes do regresso do Mestre, não seria bom que examinássemos a nossa própria condição para ver que espécie de administradores temos sido? Primeiramente, consideremos bem qual é o objecto da administração que somos chamados a exercer em Seu nome.

## TEMPO

O tempo é a vida que Deus nos concede, pulsação, após pulsação. Deve ser usado à medida que passa, momento a momento, pois não voltará a passar. Para evitar desperdício de tempo em coisas de valor transitório, devemos ter alvos e objectivos, alguns dos quais se prolongarão pela eternidade. Este tempo deve ser dedicado no cuidado da família, na preparação para o serviço, e ajudando a outros. A consciência de que o tempo pertence a Deus tornará mais fácil pormos de parte os nossos desejos egoístas, sempre que Ele nos chame. Um administrador do Divino Proprietário terá de ser adaptável, espreitando as oportunidades de testemunhar, oportunidades que sobrevêm muitas vezes inesperada e irregularmente. Estes encontros que o Céu organiza com almas em necessidade, podem ser aproveitados ou desperdiçados.

**Aprovará o Inspector Divino a minha administração do tempo que pertence a Deus? De tudo o que me foi confiado, nada há que requeira, como o tempo, uma tão estrita prestação de contas (1). Não deverei eu fazer planos com maior cuidado e oração, «remindo o tempo» (2), antes da vinda do meu Mestre?**

## TALENTOS

Os talentos não são distribuídos a todos de maneira uniforme, mas quer sejam naturais ou adquiridos, podem ser aperfeiçoados. Consideremos esta lista de talentos que podemos ter ou devemos procurar desenvolver: 1) uma boa mente saudável; 2) a capacidade de nos exprimirmos com clareza; 3) facilidade para aprender línguas; 4) facilidade em fazer amigos; 5) habilidade musical; 6) impulsos generosos; 7) influência sobre os outros pelas minhas acções, palavras, vestuário, e até a expressão do meu rosto. É raro o indivíduo abençoado com todos eles. Mas cada um é responsável pelo fortalecimento daqueles que possui e pela sua administração no serviço de Deus, não para o orgulho ou satisfação própria apenas. Eles são capital emprestado (3) que deve ser acrescido e devolvido a Deus.

**Tenho feito o máximo para cultivar os meus talentos? Tenho-os dedicado a ajudar os outros? Realmente, qual seria o relatório do Inspector Celeste acerca da mordomia dos meus talentos até ao presente?**

## O CORPO

Lemos nos escritos de Paulo: «... «... não sois de vós mesmos... glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus» (4). É, portanto, Sua responsabilidade instruir-nos sobre como cuidar do corpo que Ele construiu. Foi o que Ele fez, e a nossa obediência a essa instrução promoverá felicidade, assim como saúde, nesta vida, e ajudará a preparação para a vida futura (5). Mais ainda, «Ele comprometeu-Se a conservar esta máquina humana em funcionamento saudável Se o agente humano obedecer às Suas leis e colaborar com Ele» (6).

Os administradores trabalhando para Deus devem ser as pessoas mais saudáveis, mais alegres, mais santas do mundo, porque o Seu poder curativo foi prometido àqueles que vivem em harmonia com as Suas leis da vida.

Os hábitos destruidores da saúde entorpecem o cérebro e torna-se impossível discernir com clareza as sagradas verdades (7).

Por isso, no testemunho cristão, a mensagem acerca de como cuidar devidamente do corpo prepara a mente para ser impressionada com a verdade. Quais são algumas destas simples mas importantes leis para um viver saudável? 1) Regularidade na vida do dia a dia; 2) repouso apropriado; 3) exercício adequado para manter uma boa circulação; 4) actividade física e mental equilibrada; 5) comer com regularidade apenas o que é nutritivo e benéfico, não ingerindo nada entre as refeições; 6) líquidos abundantes, excluindo álcool, chá e café; 7) uma disposição alegre; e 8) confiança completa em Deus. Portanto, a temperança cristã consiste em dispensar inteiramente tudo o que seja prejudicial e usar aquilo que é útil (8). Fazer de outro modo é abusar do meu corpo e constitui uma violação da minha administração para Deus.

**Pode o Supremo Inspector aprovar a maneira como cuido deste maravilhoso corpo que Deus me emprestou? Posso eu confiantemente pedir-Lhe que adicione ainda o Seu poder curativo?**

### COISAS MATERIAIS

O dinheiro tem para a maioria dos homens um significado diferente daquele que Deus lhe atribui. Para Ele, é um instrumento para o bem, uma ferramenta colocada nas nossas mãos para beneficiar a humanidade e ajudar a terminar a Sua obra. Para a maioria significa segurança, ainda que na realidade esteja sujeito a desvalorização e perda. As próprias coisas materiais que com ele se compram são destrutíveis. Para o patrão, trata-se duma compensação paga em troca de tempo e de talentos. Mas o cristão está consciente do facto de que não é o dinheiro do patrão, mas sim o dinheiro de Deus que lhe paga. Esta compreensão protege-o do pecado do egoísmo e é a maneira que Deus tem de o libertar das garras do materialismo. Em vez de se referir à SUA propriedade, ao SEU negócio, ao SEU tempo, ou aos SEUS talentos, ele agora compreende que tudo pertence a Deus e que, com a Sua ajuda, deve administrar fielmente todas as coisas.

Havia no jardim uma árvore reservada por Deus para lembrar constantemente a Adão que Deus era o dono supremo de todas as coisas. A prova a que Adão foi submetido era o reconhecimento deste facto. Deus reserva para Si uma sétima parte do nosso tempo e uma décima parte dos nossos lucros. Esta é a prova a que somos

submetidos. Em acréscimo ao meu reconhecimento de Deus como proprietário, por meio do dízimo e do Sábado, a minha administração do restante é uma indicação do meu amor e gratidão para com Ele. Conselho-O quando ponho de parte em casa o Seu fundo, e deste fundo destino ofertas para a Sua obra, incluindo os Seus necessitados. Com a Sua bênção, o restante cobre as necessidades da família.

**Que revela a minha administração dos bens materiais de Deus? Mostra que o egoísmo está a morrer e que o meu coração se enche dum espírito liberal, de amor e sacrifício?**

### CANAIS

Devemos ser canais através dos quais os recursos do Céu possam fluir para o mundo. Na medida em que o canal for conservado desimpedido de egoísmo, o fluxo aumentará e tornar-se-á uma bênção constante para o mundo (9). Partilhar é o processo natural de conservar a vitalidade. As águas sem vida do Mar Morto mostram os resultados do açambarcamento. O uso egoísta do tempo, dos talentos, ou de meios financeiros, conduz invariavelmente à estagnação da vida cristã. Ao experimentarmos a real satisfação de ser canais abertos para as bênçãos do Céu, experimentamos felicidade profunda, duradoura. As nossas vidas têm sentido e propósito quando pela Sua graça nos tornamos servos fiéis do Mestre. A confiança remove a ansiedade, e a Sua promessa «eis que estou convosco todos os dias...» (10) torna-se uma realidade constante.

Quão elevada posição é esta para a qual temos sido chamados como colaboradores de Deus! Quando tivermos realmente aceitado esta responsabilidade como maneira de viver, então a obra de Deus será rapidamente terminada, pois Ele não terá assim falta de canais abertos através dos quais faça fluir o Seu poder

(1) Parábolas de Jesus, pág. 342.

(2) Efésios 5:16.

(3) O Conflito dos Séculos, pág. 357.

(4) I Coríntios 6:19, 20.

(5) Conselhos Sobre o Regime Alimentar, pág. 23.

(6) Medical Ministry, pág. 221.

(7) Testimonies to the Church, Vol. II, pág. 162.

(8) Patriarcas e Profetas, pág. 599.

(9) Testimonies to the Church, Vol. IV, págs. 472, 473.

(10) Mateus 28:20.

# Esclarecimento sobre as actividades subversivas de uma comissão sem credenciais

por Ernesto Ferreira

Recentemente, por altura de reuniões públicas, têm sido distribuídos impressos nas nossas igrejas, tanto a membros como a visitas, sem prévio conhecimento ou autorização do respectivo ancião ou pastor responsável.

Trata-se de escritos anónimos, pois embora neles figure o carimbo de uma «Comissão», nunca os autores tiveram a coragem e a hombridade de se identificarem, responsabilizando-se pelo que escreveram.

A «Comissão» rotula-se como «C. Investigadora das Doutrinas A. S. D.». É óbvio, porém, que uma comissão para ser válida deve ter sido comissionada, deve ter recebido uma incumbência da parte de um corpo representativo. Quem comissionou essa «Comissão»? A Igreja Adventista do Sétimo Dia? Não, certamente. Qualquer outra Igreja? Supomos que não. Ter-se-ão os próprios membros comissionado uns aos outros? Nesse caso necessitam de mudar de rótulo, pois que se trata de uma «Comissão» sem credenciais, ou, noutros termos, não se trata propriamente de uma comissão, mas de um simples grupo irresponsável enquanto permanecer anónimo.

## Investigação das Doutrinas

Esta «Comissão» sem credenciais pretende investigar as Doutrinas Adventistas do Sétimo Dia.

Se nos distribuidores que andam rondando as nossas igrejas não reconhecessemos membros baptizados, seríamos tentados a crer que o grupo fosse constituído por membros de outras igrejas. Concebemos que maometanos, católicos ou protestantes nomeiem comissões para investigar as doutrinas adventistas, a fim de as conhecerem, pois que não estão familiarizados com elas.

Essa investigação tem toda a razão de ser antes de as pessoas pedirem a sua admissão na Igreja. Quando se baptizaram foi-lhes perguntado: «Conhecendo e compreendendo os princípios bíblicos básicos, tais como os ensina a Igreja Adventista do Sétimo Dia, propondes-vos, pela graça de Deus, ordenar vossas vidas em conformidade com estes princípios?»

A não ser que o baptismo se tenha efectuado levemente, deve ter sido precedido por uma séria investigação das doutrinas adventistas do sétimo dia.

Depois do baptismo, está aberta perante o crente uma senda de constante progresso na investigação das Sagradas Escrituras. Ao aprofundarmos o seu estudo, descobriremos novas maravilhas do amor de Deus e da revelação divina. Essa continuará a ser uma agradável ocupação dos remidos no Reino da Glória.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia estimula semelhante investigação por parte de todos os seus membros. No caso de tal investigação ter levado à descoberta de nova luz, que seja do interesse geral conhecer, há normas a seguir, normas essas que foram estabelecidas por responsáveis devidamente comissionados por delegados de todo o Mundo da Igreja Adventista do Sétimo Dia e que publicamos noutra local deste número da *Revista Adventista*.

Além desta, há outra espécie de investigação, que infelizmente parece ser aquela a que se dedica a mencionada «Comissão».

## Investigação da Vida Alheia

Em todos os tempos, desde os dias de Jesus, tem havido, a par de espíritos superiores que se ocupam de ideias nobres, espíritos medíocres que se entretêm com os defeitos (verdadeiros ou supostos) da vida alheia.

Eis algumas das suas características:

1. Eles são os puros — os outros são os pecadores. É com prazer que oram: «Ó Deus, graças Te dou, porque não sou como os demais homens».

2. Os seus pontos de vista — as suas opiniões pessoais, a sua interpretação da Bíblia, do Espírito de Profecia e dos princípios adventistas — são os únicos verdadeiros. Eles constituem a norma para o procedimento dos outros. Em caso de divergência, não assumem a atitude de quem investiga, mas a de quem ensina, ou antes, de quem impõe.

3. Estudam a Bíblia e o Espírito de Profecia seguindo o método dedutivo, que pro-

cura textos para apoio das suas doutrinas e pontos de vista peculiares, em vez do método indutivo, que só estabelece doutrinas ou princípios depois de examinados todos os textos pertinentes e de acordo com as respectivas regras de hermenêutica.

5. Não alinham com os programas oficiais da Igreja. Quando se trata de saídas missionárias, de distribuição de literatura, de Campanhas das Missões, de Campanhas de Evangelização e de outras actividades que requeiram esforço e dedicação, brilham pela sua ausência. Só estarão dispostos a trabalhar seguindo os seus próprios planos.

5. Instigam entre os membros, pelo seu exemplo se não pelas suas palavras, o inconformismo com os programas estabelecidos e com os oficiais devidamente eleitos, e semeiam a desconfiança na integridade, fidelidade e zelo dos dirigentes da Igreja.

6. Acostumados a olhar para os defeitos alheios à luz da própria perfeição, comprazem-se na maledicência. Ao atirarem pedras contra a casa do vizinho, esquecem-se, porém, de que a sua própria casa tem telhado de vidro; ao pretenderem tirar o argueiro do olho do irmão, não reparam na trave que atravança os seus próprios olhos.

7. Finalmente, a maledicência leva-os a assumir a perigosa função de juizes, função para a qual não estão de maneira alguma qualificados. Esquecem-se de que «há um só legislador e um juiz que pode salvar e destruir». É pois com razão que Tiago pergunta: «Tu, porém, quem és, que julgas a outrem?» «Portanto», escreve por sua vez o apóstolo Paulo, «nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações.»

### Sua denúncia pelo Espírito de Profecia

«Comissões» como esta têm surgido com frequência dentro da Igreja Adventista, e contra elas o Espírito de Profecia tem claramente alertado o povo de Deus.

Prestemos atenção, por exemplo, às seguintes advertências:

«Erguem-se continuamente pequenos grupos que creem que Deus está unicamente com os poucos, os dispersos, e sua influência é derribar e espalhar o que os servos de Deus constroem. Espíritos desassossegados, que desejam ver e crer constantemente alguma coisa nova, surgem de contínuo, uns aqui, outros ali, fazendo todos uma obra especial para o inimigo, e todavia pretenso de possuir a verdade. Eles ficam separados do povo a quem Deus está conduzindo e fazendo prosperar, e por meio de quem

há-de realizar Sua grande obra. Esses estão continuamente exprimindo seus temores de que o corpo de observadores do Sábado se estejam tornando como o mundo; mas dificilmente há dois deles cujos pontos de vista se harmonizem. Acham-se dispersos e confundidos, e todavia se enganam a si mesmos a ponto de pensar que Deus está especialmente com eles.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 166.

«Não obstante todas as provas de que Deus tem estado a guiar o corpo de crentes, há e continuará a haver pessoas que professam o Sábado agindo independentemente do corpo, e crendo e procedendo segundo lhes aprouver. Suas ideias são confusas. Sua condição dispersa é um permanente testemunho de que Deus não está com eles.» — *Ibid.*, pág. 169.

### Consequências funestas de tais actividades

Quem se dedica a semelhantes actividades colhe uma pesada messe de perniciosos frutos. Enumeremos alguns:

1. O maledicente é o primeiro a ser prejudicado na sua própria vida espiritual.

«Os trabalhadores activos não têm tempo de se ocupar com as faltas do próximo. As cascas das faltas e fraquezas dos outros não fornecem alimento para a nossa vida. A maledicência é uma dupla maldição, que recai mais pesadamente sobre quem fala do que sobre quem ouve. Quem espalha as sementes da dissensão e discórdia colhe em sua própria alma os frutos mortais. O próprio acto de olhar para o mal nos outros desenvolve o mal em quem olha. Detenhamos sobre as faltas do próximo, somos transformados na sua imagem.» — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 492.

«O precioso tempo que devia ser passado em falar do poder do Salvador para salvar, está sendo passado por muitos em levar maus relatórios. A não ser que façam uma decidida mudança, serão achados em falta. A não ser que tenham uma inteira transformação do carácter, nunca entrarão no céu ... O homem verdadeiramente convertido não tem inclinação para pensar ou falar das faltas dos outros ... Lembrai-vos de que só entrarão no céu aqueles que tenham vencido a tentação de pensar ou falar mal.» — E. G. White, em *Review and Herald*, 24 de Novembro de 1904.

A verdade desta última frase é salientada pelos seguintes textos da Sagrada Escritura: «Não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente ... Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúl-

teros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os *maldizentes*, nem os roubadores herdarão o reino de Deus.» 1 Cor. 5:11; 6:10.

2. O maledicente em breve sentirá a falta do Espírito de Deus no seu próprio lar, vindo a ser afectadas as relações pacíficas entre os cônjuges e entre os pais e filhos, podendo estes, pelo triste exemplo dos pais, vir a perder-se para a vida cristã.

3. Tais actividades prejudicam a espiritualidade dos membros de igreja. «Não é a oposição do mundo o que mais ameaça a igreja de Cristo. É o mal abrigado nos corações dos crentes que acarreta suas mais graves derrotas, e mais seguramente retarda o progresso da causa de Deus. Não há maneira mais certa de debilitar a espiritualidade do que acariciar a inveja, a suspeita, a crítica e as vis desconfianças.» — *Actos dos Apóstolos*, pág. 549.

4. Devido a semelhantes actividades, os descrentes não desejam unir-se à Igreja. «A unidade da Igreja é a prova convincente de que Deus enviou Jesus ao mundo para o salvar, argumento que os ímpios não poderão controverter. É por isso que Satanás se esforça continuamente por prevenir esta união e harmonia entre os crentes, a fim de que os descrentes, observando essa apostasia, essa dissensão e essa contenda que reina entre os cristãos professos, aborreçam a religião e sejam confirmados na sua impenitência. Deus é desonrado pelos que, professando a verdade, alimentam entre si divergências e discórdias.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 2, pág. 263.

#### Atitude a assumir pela Igreja

1. Como atalaias da cidade e pastores do rebanho, os responsáveis pelas diferentes igrejas devem acautelar os seus membros contra semelhantes incursões, esclarecendo-os à luz da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia.

2. De acordo com o *Manual da Igreja*, votado na Conferência Geral por delegados comissionados pela Igreja Adventista de todo o Mundo, tais pessoas não devem ser autorizadas a exercer cargos na igreja. Vejam-se os seguintes títulos: «Os que se opõem à unidade não são aptos para exercer cargos» (ed. de 1974, pág. 78) e «Perigoso é eleger como dirigentes homens que se neguem a cooperar com outros» (pág. 79).

3. Dê-se particular atenção a esta advertência do Espírito de Profecia: «Os que se põem a proclamar uma mensagem sob sua responsabilidade pessoal, e que, ao mesmo

tempo que declaram ser ensinados e guiados por Deus, constituem sua obra especial derrubar aquilo que Deus durante anos tem estado a erguer, não estão cumprindo a vontade de Deus. Saiba-se que esses homens se encontram do lado do grande enganador. Não os creiais. Estão-se aliando com os inimigos de Deus e da verdade. Porão a ridículo a ordem estabelecida no ministério, considerando-a um sistema eclesiástico imperialista. Afastai-vos desses; não tenhais comunhão com a sua mensagem por muito que eles cite os *Testemunhos* e atrás deles busquem entrincheirar-se. Não os recebais; pois Deus não os incumbiu dessa obra.» — *Testemunhos para Ministros*, pág. 51.

#### Sugestões aos componentes do grupo

Se os componentes do grupo desejam sinceramente o bem da igreja, como cremos que seja o caso pelo menos de alguns dos que foram vistos a distribuir os impressos, têm a seguir um caminho muito simples:

1. Arrepender-se do mal até aqui cometido e desfazer por uma sincera confissão os efeitos dos métodos incorrectos e das afirmações inexactas contidas nos impressos distribuídos.

2. Se encontraram uma nova luz no estudo da Palavra de Deus e desejam partilhá-la, sigam os passos indicados pela Igreja a que pertencem e cujas normas professam seguir.

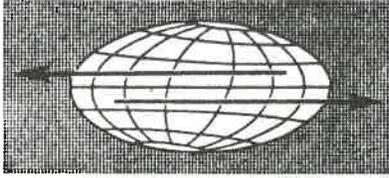
3. No caso de algum irmão ser achado em falta e de um componente do grupo ou todo o grupo sentir o fardo da sua correcção, deve seguir o método indicado pela Bíblia Sagrada: «Ao tratar com os membros da igreja que erram, os filhos de Deus devem seguir cuidadosamente as instruções dadas pelo Salvador no capítulo 18 de São Mateus.» — *Testimonies*, vol. 7, pág. 260 (citado no *Manual da Igreja*, pág. 222). Expor publicamente os erros antes de assim ter procedido é fazer uma obra que certamente não é correcta.

#### Conclusão

Todos desejamos uma Igreja mais espiritual. Porque, em vez de seguirmos métodos discutíveis, não seguiremos antes os métodos indicados pela pena inspirada?

«A causa da divisão e discórdia na família e na igreja é a separação de Cristo. Aproximar-se de Cristo é aproximarem-se uns dos outros. O segredo da verdadeira união

(*Continua na pág. 19*)



# Através do mundo Adventista

## Novo Desenvolvimento no Senegal

Pela segunda vez tive o privilégio de visitar a igreja do Senegal. É um facto evidente que a nossa obra está lançando ali as suas raízes. Na altura da minha visita em 1972, a Estação Missionária de Niaguis, perto de Ziguinchor, no Sul do Senegal, parecia abandonada. A família Ernest Pala, que havia dirigido a estação, tinha sido obrigada a partir subitamente por causa de doença grave, e havia sido impossível substituir as enfermeiras. Embora o dispensário estivesse funcionando, graças à dedicação das enfermeiras ajudantes que continuaram fielmente nos seus postos de dever, havia uma acentuada falta de obreiros.

Com que satisfação as pessoas me deram as boas-vindas agora nesta visita! Expressiram apreço pelo trabalho do Irmão e da Irmã Joseph Sanchez, que estão dirigindo a obra em Niaguis, por Hiltrud Ristau e Renate Schneider, duas enfermeiras de nacionalidade alemã, e por Jean-Pierre Marivoet, o jovem belga que está dirigindo e desenvolvendo um programa de agricultura na missão. Colaborando com estes missionários europeus, há um dedicado corpo de obreiros nacionais levando a mensagem às aldeias circunvizinhas. Foi comprado um terreno em Ziguinchor,

a segunda cidade do Senegal em população, onde um centro evangelístico será em breve construído.

O nosso trabalho tomou também nova vida em Dacar. A escola secundária foi transformada numa escola de Bíblia e centro social; os escritórios da missão e da Voz da Esperança estão também ali instalados. Abriu-se um novo centro noutra secção desta cidade de 750 000 habitantes, onde se construiu uma linda capela, no estilo arquitectónico do país. Esta nova capela tem capacidade para 120 pessoas.

O projecto de construção foi dirigido por Gilbert Dalais, arquitecto, em colaboração com Adolf Kinder, presidente da missão, Ernst Pala, director da escola, o obreiro leigo Mattei e todos os outros membros de igreja que voluntariamente se sacrificaram e ajudaram a tornar o empreendimento uma realidade.

Esta igreja foi inaugurada em 23 de Fevereiro de 1974, o Sábado da minha visita. Oramos, juntamente com os obreiros e membros da Missão do Senegal, para que a sua luz brilhe sempre e cada vez com maior brilho, e para que o calor e a fraternidade cristã que gozámos durante a minha estadia seja um meio, para a comunidade adventista do sétimo dia, de representar Jesus diante dos habitantes daquela

cidade. E que a oração da igreja de Dacar naquela manhã de Sábado, «Ora vem, Senhor Jesus», seja gravada com letras de fogo por todo aquele país.

Jean Zurcher

## Notícias do Campo

(Continuação da pág. 12)

não permitiram que as reuniões se realizassem no recinto do parque, como estava previsto. Tiveram de efectuar-se na sala da igreja da Figueira da Foz, amavelmente posta à nossa disposição pelos membros locais, a quem estendemos os nossos agradecimentos.

Para defesa contra a chuva foram de grande utilidade as três casas com que o parque foi recentemente enriquecido e que nesta altura foram inauguradas. Sem dúvida que outras se levantarão para valorizar ainda mais este já valioso conjunto.

Resta-nos, em nome do campo português, agradecer aos nossos visitantes a honra que nos foi concedida ao ser escolhido Portugal para este Colóquio.

Possam os resultados deste encontro marcar uma nova era na história da Igreja Adventista no Sul da Europa.

E. Ferreira



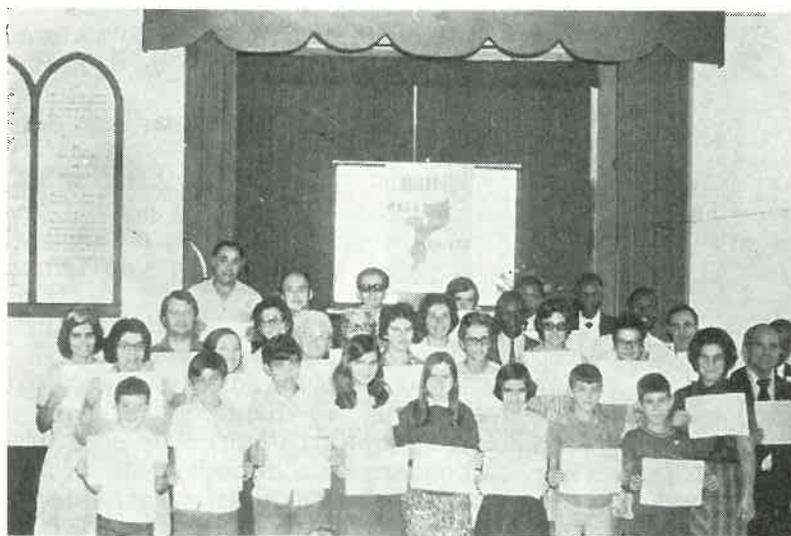
Ateneu grego, local da série de conferências dirigida pelo Pastor Arturo Schmidt, onde diariamente uma média de 600 pessoas não adventistas se reuniam para ouvi-lo em duas sessões



Baptizando em 1 de Junho de 1974 em Lourenço Marques com os Pastores A. Schmidt, Henrique Berg (atrás à direita) e Amílcar Lopes (atrás à esquerda)



Moçambique: Novos pastores ordenados e suas esposas. Da esquerda para a direita: Pastor Bernardino Pene Mabote e Pastor Amílcar Godinho Lopes



Curso de preparação de obreiros leigos realizado na igreja de Lourenço Marques de 5 a 7 de Abril último pelo Pastor S. J. Joannou, da União Sul-Africana, com sede em Joanesburgo. O ponto alto do curso é o uso de um projector a pilhas de lanterna que está obtendo óptimos resultados

# Água mole em Pedra dura



História do mês

Jorge estava desanimado. O professor tinha passado um problema para ele fazer. Mas tinha uns números tão grandes... tão difíceis! Já se sentia cansado de tanto quebrar a cabeça procurando uma solução para o problema. Sentou-se de novo a tentar resolvê-lo.

«Ih!... mas é difícil de verdade» — dizia ele.

— «Também não sei para que é que o professor me mandou fazer uma coisa assim tão detestável. Que raiva que isto me dá!»

— E começou a andar nervosamente de um lado para o outro. Não! Ele não iria quebrar mais a cabeça com aquele intrincado e odiado problema. Já sentia a cabeça a arder. Resolveu ir até ao Jardim.

O seu pai, que estava observando o trabalho, vendo-o largar o lápis e o caderno e ir para o jardim, seguiu atrás dele.

— Por que razão, meu filho, deixaste os exercícios por acabar? — perguntou-lhe o pai.

Se estás cansado, será bom descansares um pouco e depois voltarás ao trabalho.

— «Ora, papá», respondeu Jorge, «o professor mandou-nos fazer em casa um problema que não é qualquer um que resolve. Tem uns números grandes e difíceis. O papá ha-de ver que algarismos esquisitos. Uma porção de zeros no meio deles. Já sei que não sou capaz de fazer os trabalhos. Não tenho paciência. Estou desanimado».

— Ouve meu filho. Descansa um pouco a memória. Vamos andando pelas alamedas do jardim até lá ao fim. Eu vou mostrar uma coisa muito interessante. Uma gota de água que furou uma pedra. Já alguma vez viste?

— Não, papá. Como pode ser? Deve ter sido uma coisa muito difícil, não?

— Não, meu filho, — respondeu o pai. — Quando há perseverança, tudo é fácil.

E foram andando os dois pelo jardim fora até ao fundo da terreno, onde havia uma gruta aberta numa enorme pedra. Entraram. Do tecto da gruta caía um pingo de água de vez em quando.

— Vê, meu filho, é assim.

E mostrou-lhe um pequeno buraco feito pelo pingo de água.

— Mas, papá, exclamou o menino admirado. Como pode ser isto?

— Foi assim: aqui, neste lugar onde hoje é um buraco, caí de longe em longe uma gotinha de água que desce do tecto da gruta.

A pedra é muito dura, mas a gotinha cai sempre, nunca desanima. E vai caindo, caindo, caindo sempre no mesmo lugar. E assim durante dias, semanas, meses e anos, até que se formou este buraco. E tudo porque a gotinha não desanimou. Caiu uma vez, pingue... caiu outra vez, pingue... e a pedra não se furou; caiu outra vez e a pedra, firme! E foram caindo as gotinhas de água, uma... duas... três... quatro... dez... cem... mil... milhões de vezes sempre a cair assim: pin...gue, pin...gue, pingue pingue. E depois de caírem milhões e milhões de gotinhas, a rocha foi cedendo, cedendo, ficando mais fraca naquele lugar e começou a aparecer o buraco.

— Mas, papá, esta gotinha de água é muito paciente e perservante. Ela não se incomodou com a dureza do granito. É realmente uma gotinha heróica. Agora compreendo o sentido daquele provérbio popular que diz assim: «Água mole em pedra dura, tanto dá até que fura.»

— A vida é assim, meu caro. Muitas coisas que nos amedrontam podem ser resolvidas com facilidade. Tudo depende da disposição da pessoa. Precisamos de enfrentar as situações difíceis com coragem. Não devemos fugir das nossas responsabilidades, mas enfrentá-las e resolvê-las com paciência. E agora que já estás mais calmo, volta para enfrentar o teu problema.

O menino voltou para junto do caderno e do lápis. A lição da gotinha de água não lhe saía da memória.

— Eu também hei-de trabalhar, não devo desanimar. — Dizia ele.

Tentou mais umas vezes. E tanto fez, tanto virou, tanto mexeu, que acabou por encontrar a solução. Correndo e saltando, foi ao encontro do pai, ao mesmo tempo que gritava:

— Achei, papá! Achei, papá! Era uma vez pin...gue... outra vez pin...gue... e acabei por encontrar o resultado. Viva a gotinha!

E daquele dia em diante, sempre que o Jorge achava uma coisa difícil, lembrava-se logo da pequena gota e metia mãos à obra para não desanimar. Assim viveu sempre feliz.

# NOTÍCIAS DO CAMPO

pará nas Convenções de Anciãos, de Administradores da União e de Obreiros da Associação Portuguesa a realizar durante os meses de Junho e Julho na Costa de Lavos.

## Dr. Gideon Marques

De passagem por Lisboa, esteve entre nós, nos dias 18 e 19 de Junho, o Dr. Gideon Marques, médico missionário do Hospital Adventista do Bongo, em Angola.

## CONVENÇÃO DE ANCIÃOS NA COSTA DE LAVOS

No Concílio de Anciãos realizado na sede de Acampamentos M. V. na Costa de Lavos, de 7 a 9 de Junho findo, foi dado início ao plano Divino para este tempo, o qual coloca o membro leigo no seu devido lugar dentro da igreja.

Somos um povo sacerdotal que recebeu a incumbência grandiosa de evangelizar o mundo nesta geração, e não podemos esperar que esta tremenda responsabilidade recaia unicamente sobre os ombros do pastor. Todos nós somos responsáveis, guardadores dos nossos irmãos que vagueiam por aí, nas trevas do pecado, sem norte, sem roteiro, longe da Verdade, sem esperança e sem Deus no mundo.

O plano secular, a orientação Divina para o movimento Adventista é que os membros leigos da igreja, assumam as responsabilidades de dirigir e apascentar a Obra local, enquanto os pastores avançam para novos territórios, na conquista de novas almas fundando novas congregações.

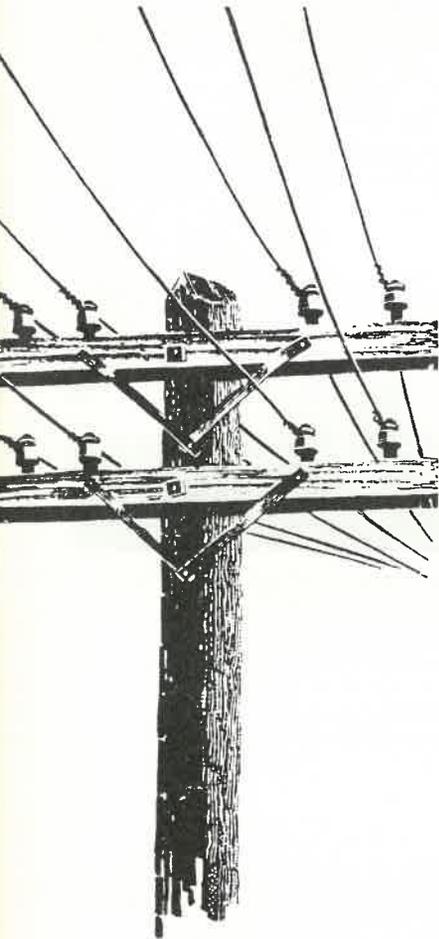
Assás temos rodeado as 99 ovelhas que estão dentro do aprisco! Chegou o tempo para que os bons pastores confiem a obra local, onde já estamos estabelecidos há muitos anos, às mãos de fiéis sub-pastores enquanto vão em busca da ovelha perdida.

Para que isto realmente aconteça e para que os milhares de probleminhas e problemões que retêm os pastores no círculo pequeno das suas igrejas sejam superados, é necessário que gradual mas decididamente os membros da igreja assumam suas posições e se coloquem à altura de serem usados inteiramente por Deus.

«Pregar é uma pequenina parte da Obra a ser feita pela salvação das almas. O Espírito de Deus convence os pecadores da Verdade e os coloca nos braços da igreja.

Os ministros podem fazer a sua parte, mas nunca poderão realizar a obra que compete à igreja.» Serv. Cristão pág. 68

Há dezenas de cidades onde não temos uma só alma convertida. Porquê?



## Joaquim Alegria Morgado

Em 1 de Junho chegou a Lisboa, vindo de Angola, o Pastor Joaquim Alegria Morgado, secretário departamental da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia. Sua esposa e filhos, terminados os exames, chegarão um pouco mais tarde.

## Bernardo E. Shuenemann

Acompanhado de sua Esposa e Filho, esteve entre nós durante alguns dias, a partir de 4 de Junho, o Pastor Bernardo E. Schuenemann, gerente da Casa Publicadora Brasileira, com quem estudamos assuntos pertinentes à Obra de Publicações.

## Eugénio Rodriguez

No mesmo dia, chegou a Portugal o Pastor Eugénio Rodriguez, secretário dos Departamentos da Escola Sabatina, Atividades Leigas e Temperança da União Sul-Europeia, que partici-



Convenção de Anciãos — Aspecto da assistência

Porque os nossos ministros estão rondando as igrejas que conhecem a Verdade enquanto milhares perecem sem Cristo!

«Em vez de conservar os ministros trabalhando pelas igrejas que já conhecem a verdade, digam os membros das igrejas a esses obreiros: «Ide trabalhar pelas almas que perecem nas trevas. Nós mesmos levaremos avan-te os trabalhos da igreja. Nós realizaremos as reuniões, e, estando em Cristo, manteremos vida espiritual. Trabalharemos pelas almas que estão ao nosso redor, e elevaremos nossas orações e mandaremos nossas ofertas para manter os obreiros nos campos mais necessitados e destituídos de auxílio» — *Evangelismo*, págs. 381-382.

— Impossível! — impossível!

Dirá a incredulidade, o pessimismo, em coro com aquele mesmo espírito que dominou os dez espias enviados por Moisés! É impossível! isto nunca poderá ser!

Entretanto será assim, graças a Deus! e em Portugal, o novo espírito que possuíam Caleb e Josué já se fez sentir no encontro realizado em Costa de Lavos, o primeiro no género, em território Europeu, quando anciãos da igreja, de mãos dadas com os administradores do campo português se prontificaram espontânea e alegremente a colocarem-se ao lado dos ministros, para dirigirem a igreja local, conseguindo a participação de cada membro, para que o pastor, tenha oportunidade de sair para um evangelismo agressivo, frutífero, em novos territórios.

Oramos para que o Espírito de Deus tome posse dos corações dos pastores, anciãos, e demais



*Convenção de Anciãos — Ir. Batalha, ancião da Igreja da Amadora, dando o seu testemunho*

oficiais e membros da igreja para que a Sua Obra em Portugal possa prosperar e realizar a tarefa de preparar um grande povo para estar de pé, por ocasião da Volta de Jesus!

Que a fraternidade, o companheirismo e o amor, sentido no Concílio de Anciãos na Costa de Lavos possa ser difundido entre todas as igrejas, para louvor e glória do nosso Deus; para a prosperidade da Sua obra, em terras lusitanas.

*Benito Raymundo*

### **TOMAR**

Foi de 7 a 10 de Junho que os jovens da igreja local realizaram o seu primeiro acampamento re-

gional. Com material próprio, recentemente adquirido, passámos estes três dias e meio usufruindo as bênçãos do Senhor no contacto directo com a Natureza e na participação espontânea nas actividades espirituais e recreativas.

Disciplina, camaradagem, entre-ajuda, ambiente democrático, fizeram deste acampamento uma actividade amada e desejada por todos aqueles que nele participaram. Para além dos visitantes que ali vinham em busca de um são e agradável convívio foram cerca de trinta o número dos que acampámos.

Esperamos que este seja o princípio de muitos outros acampamentos aqui e que acima de tudo possa ser um meio nas mãos do Senhor para unir os



*Convenção de Anciãos — Pastor E. Rodriguez falando*



*Acampamento dos M. V. de Tomar*

jovens fraternal e espiritualmente não só os de Tomar mas também de outras igrejas que conosco queiram confraternizar nesta Actividade M. V.

Com amizade saúda-vos a juventude da igreja de Tomar.

W. Miguel

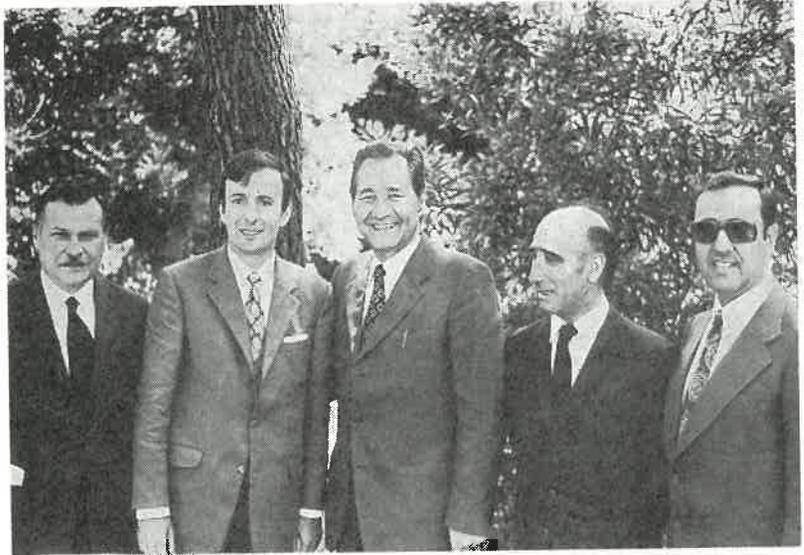
## O COLÓQUIO DE ADMINISTRADORES DA UNIÃO SUL-EUROPEIA

Pela primeira vez na história da Divisão Euro-Africana, realizou-se na Costa de Lavos, de 25 a 30 de Junho, um Colóquio de Administradores, em que participaram representantes da Divisão e da União Sul-Europeia.

Da Divisão estiveram presentes C. L. Powers, presidente; E. Amelung, tesoureiro; e Peter Kunze, tesoureiro associado, que acaba de ser nomeado tesoureiro da União Sul-Europeia.

Da União, estiveram todos os membros da Direcção — Samuel F. Monnier, presidente; Eugénio Rodriguez, secretário dos Departamentos da Escola Sabatina, Actividades Leigas e Temperança; M. Buonfiglio, secretário dos Departamentos da Educação, dos Jovens e da Comunicação Social; e David Sanguesa, secretário do Departamento das Publicações.

As diferentes Associações e Missões estiveram assim representadas: de Espanha, Carlos Puyol, presidente, e G. Cupertino, secretário-tesoureiro; da Itália, Antonio Bueno, presidente, Gianfranco Rossi, secretário, E. Cacciatore, tesoureiro; de Portugal, E. Ferreira, presidente, e Joaquim Dias, secretário-tesoureiro; de Cabo Verde e Guiné, M. Braff, presidente; da Grécia, D. Visigal-



*Direcção da União Sul-Europeia — Da esquerda para a direita: M. Buonfiglio, P. Kunze, S. Monnier, E. Rodriguez, D. Sanguesa*

li, presidente, e E. Dialektakis, secretário-tesoureiro; de Israel, Teófilo Ferreira, presidente. Além destes, estiveram também presentes os directores das casas publicadoras italiana, espanhola e portuguesa, respectivamente, I. Rimoldi, A. Tejel e S. Reis, bem como os secretários departamentais da Associação Portuguesa, Benito Raymundo, António Baião e Orlando Costa.

Na sessão de abertura, que teve lugar na terça-feira à noite, após as boas-vindas proferidas por S. Monnier e E. Ferreira, foi apresentada uma oportuna mensagem por C. L. Powers.

Os trabalhos diários prosseguiram com toda a regularidade, constando de culto matinal, de exposições, e de sessões de per-

guntas e respostas, terminando cada dia com uma mensagem espiritual.

As exposições, que serão em breve reunidas em livro multcopiado, versaram temas da maior oportunidade, tais como: «A arte de formar homens» (C. L. Powers), «A arte de partilhar as responsabilidades» (I. Rimoldi), «Princípios e regulamentos» (E. Amelung), «Missão 73 — Acção 74» (E. Ferreira), «A Administração e a Colportagem» (D. Sanguesa), «A arte de tomar decisões» (P. Kunze), «O tesoureiro, o seu presidente e os seus colegas» (E. Amelung), «Administrar com êxito» (S. Monnier), «Campanhas de Evangelização» (A. Bueno), «Trabalhar em equipa» (G. Rossi), «Suscitar vocações» (C. Puyol), «Canto, coros e música» (T. Ferreira), «O Conselho: sinfonia ou cacofonia» (C. L. Powers), «Estabelecer planos a longo prazo» (S. Monnier), «Balanço e Capital» (E. Amelung), «M. V. e escolas de igreja — Nossos jovens e nossas crianças» (Buonfiglio), «Construções, rendas e alvos» (Joaquim Dias), «Reuniões de Pregadores» (D. Visigalli), «Administração e Leigos» (E. Rodriguez), «Um desafio: realizar» (M. Braff).

Foram particularmente inspiradoras as actividades do Sábado, que decorreram na acolhedora igreja de Coimbra. O ancião local, Dr. David Esteves, bem como sua esposa e demais colaboradores, foram de uma amabilidade extrema na maneira como tudo prepararam e como nos receberam.

Após a Escola Sabatina e os dez minutos missionários, teve lugar o culto solene, dirigido pelo Pastor C. L. Powers.



*Participantes do Colóquio de Administradores*



*Consagrados ao ministério na Costa de Lavos: Teófilo Ferreira e Malton Braff, com suas respectivas esposas*

Em seguida, os membros da igreja ofereceram aos visitantes um abundante e bem preparado almoço. Quantas horas de solícito e anónimo trabalho! Quantas abnegadas compras! Quanto carinho e bom gosto na apresentação de tudo! Aproveitamos a oportunidade para por este meio agradecer, em nome de todos os participantes, o calor e a hospitalidade dos membros de Coimbra.

Imediatamente após o almoço teve lugar na igreja um *simposium*, em que falaram os representantes das diferentes Associações e Missões da União, que apresentaram interessantes experiências e informações dos seus respectivos campos. Ao longo da parede da frente, por cima da tribuna, estendia-se um bem elaborado mapa dos diferentes territórios da União Sul-Europeia, com cerca de cinco metros de comprimento, da autoria de Joel Meneses e de dois colegas seus da igreja do Barreiro, a quem estendemos os nossos agradecimentos.

Seguiu-se a comovente cerimónia da consagração ao ministério dos Irmãos Malton Braff e Teófilo Ferreira, durante a qual proferiram mensagens adaptadas a tão importante acto os Pastores S. F. Monnier e C. L. Powers.

Acompanhando Malton Braff à tribuna, J. Dias teve ocasião de historiar a vida do ordinando, desde a sua infância no Brasil num lar em que o pai era pastor adventista, mencionando em seguida a sua vida escolar no Colégio Adventista de S. Paulo,

o seu início no ministério, a prossecução dos seus estudos em Collonges, a continuação do seu ministério na Suíça e finalmente a sua nomeação para presidente da Missão de Cabo Verde e Guiné. Outro tanto fez E. Rodriguez em relação a Teófilo Ferreira, salientando o facto de igualmente ter sido criado num lar de obreiros, os seus estudos de Teologia no Helderberg College, África do Sul, depois de terminado o Liceu, a prossecução dos estudos em Collonges, o seu ministério em Lisboa, e por fim a sua nomeação para presidente da Missão de Israel.

A oração de consagração foi feita por Ernesto Ferreira, a investidura esteve a cargo de Benito Raymundo e as boas-vindas foram estendidas por Samuel Reis.

Cumprimentados por todos os ministros presentes, foram em seguida homenageadas suas esposas com lindos ramos de flores oferecidos pelas irmãs da igreja de Coimbra.

Depois de esta tão tocante cerimónia, e após um breve intervalo, findaram as actividades desta memorável tarde com uma dinâmica reunião de M. V., dirigida por M. Buonfiglio e António Baião. Terminou esta reunião com os testemunhos dos dois novos pastores. A propósito de cada um deles é de salientar a presença de delegados de Cabo Verde e de General Rochadas que para a cerimónia se deslocaram de Lisboa a Coimbra e proferiram palavras de apreço e encorajamento aos recém-consagrados ministros.

Os trabalhos do Colóquio terminaram às 13 horas do Domingo, dia 30. Podemos dizer que este foi um encontro inspirador sob todos os aspectos: pelo tom espiritual que reinou, pelo valor das exposições apresentadas, pela atmosfera de sã camaradagem que a todos nos uniu, pelos propósitos de um mais eficiente serviço com que todos dali saímos.

Pena foi que as condições atmosféricas não tenham correspondido ao que seria de esperar de Portugal nesta época do ano. Na realidade, o frio e a chuva

*(Continua na pág. 12)*



*Senhoras presentes na Costa de Lavos por altura do Colóquio de Administradores*

## ABRAÃO E JONAS — As Duas Imagens da Igreja Remanescente

(Continuação da pág. 4)

dade: Nínive, «a grande cidade» convertera-se à sua pregação. (Realmente há neste ponto uma diferença capital entre Abraão e Jonas!).

### Em síntese

Do que fica exposto, concluímos que Abraão é o lídimo representante da Igreja de Deus na terra — fiel aos Seus mandamentos e consciente da sagrada missão que o Céu lhe confia. É o «alto clamor» de uma Igreja zelosa e triunfante a transbordar de amor e de boas obras e que intercede com ardor, perante o trono de Deus, a favor de um mundo prestes a ser devorado pelas chamas. Ele é a imagem virtual da Igreja.

Jonas, por seu turno, representa a mesma Igreja (Jonas não é um falso profeta!), confiante em si mesma, cuja linguagem é «rico sou e estou enriquecido e de nada tenho falta» mas que, na realidade, é pobre em amor e em boas obras e indiferente pelos milhares de almas que se perdem. Na sua miopia espiritual não percebe as suas grandes necessidades e aguarda, insensivelmente (ai, para ela mesma), que os juízos de Deus caiam sobre os ímpios. Ele é, na descrição de Apocalipse 3:14-23, a imagem real ou actual da Igreja.

Mas, por maior que seja o contraste entre as duas imagens, por mais inconfundíveis que sejam as duas atitudes, elas não são de maneira alguma inconciliáveis, pois a passagem do real para o virtual, da dúvida para fé, do egoísmo para o amor e da indiferença para o zelo é possível se, para tanto — quem diria! — seguirmos o exemplo de Jonas. Na sua aflição, no ventre do peixe, orou: «Na minha angústia clamei ao Senhor, e Ele me respondeu; do ventre do inferno gritei, e Tu ouviste a minha voz... Quando desfalecia em mim a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e entrou a Ti a minha oração, no templo da Tua santidade» — Jonas 2:2, 7.

Nos dias que passam, quando a «alma» da Igreja parece desfalecer «por se multiplicar a iniquidade» e pela pesada responsabilidade que pesa sobre os seus débeis recursos humanos, volvamos o olhar para Deus e elevemos súplicas ardentes que penetrem até ao «templo» da Sua «santidade» onde se encontram, à nossa disposição, «os ilimitados recursos da onnipotência»!

## O Movimento Carismático

(Continuação da pág. 6)

missionários em Éfeso e circunvizinhanças, e também a sair para proclamar o evangelho na Ásia Menor.» — *Actos dos Apóstolos*, pág. 283. «...de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos» (Actos 19:10).

Devemos mencionar um pormenor adicional como característico do dom das línguas de acordo com a Bíblia, um ponto de gramática que confirma a distinção entre o dom genuíno e as suas contrafacções. No original, o verbo «falavam» usado no versículo 6 está no imperfeito (como em português), indicando continuidade, acção passada incompleta, em contraste com uma acção momentânea completa sob a influência duma experiência extática. Os que receberam o dom de falar em novas línguas receberam-no para uso continuado. Era um dom permanente, sem o qual os discípulos em Éfeso não teriam conseguido evangelizar as nações vizinhas. Esta é uma distinção importante, a qual Ellen White também sublinha na passagem em que comenta este versículo: «Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, quer falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira.» — *Actos dos Apóstolos*, pág. 40.



### Esclarecimento sobre as Actividades Subversivas de uma Comissão sem Credenciais

(Continuação da pág. 11)

na Igreja e na família não é a diplomacia, o trato habilidoso, o sobre-humano esforço para vencer dificuldades — embora haja muito disto a ser feito — mas a união com Cristo.» — *Lar Adventista*, pág. 179.

«O reavivamento das igrejas provém do sincero esforço de alguma pessoa em buscar as bênçãos de Deus. Essa pessoa tem fome e sede de Deus, e pede com fé, recebendo de acordo com ela. Põe-se a trabalhar com zelo, reconhecendo sua inteira dependência do Senhor, e almas são despertadas para buscar uma bênção semelhante, recebendo em seu coração um período de refrigério.» — *Serviço Cristão*, pág. 121.

Esta é a experiência de que todos carecemos.

# Recomendação sobre a Investigação de Assuntos Teológicos

*No Conselho do Outono da Conferência Geral, que teve lugar em Takoma Park, Maryland, Estados Unidos, em Outubro de 1970, foi feita a recomendação sobre Investigação de Assuntos Teológicos, que a seguir transcrevemos:*

Recomendamos a adopção do seguinte procedimento, sugerido pela subcomissão residente da Comissão de Investigação Bíblica da Conferência Geral, a ser seguido por qualquer membro da igreja que deseje apresentar os seus pontos de vista sobre assuntos doutrinários e exegéticos «aos irmãos de experiência» a fim de obterem conselho, em harmonia com a admoestação do Espírito de Profecia em *Testimonies*, vol. 5, pág. 293, e *Counsels to Writers and Editors*, págs. 43 a 51.

## Objectivos

O procedimento sugerido visa auxiliar o cumprimento dos seguintes objectivos:

1. Demonstrar que a igreja acolherá de bom grado a oportunidade do exame de «nova luz».
2. Assegurar a todo o membro da igreja individualmente o direito, as vias e a certeza de uma razoável rapidez, na apresentação dos seus pontos de vista à igreja para consideração.
3. Estabelecer limites razoáveis sobre a possibilidade de que assuntos de menor importância exijam a maior atenção da igreja.
4. Demonstrar confiança na sabedoria que Deus outorga a todos os níveis da organização da igreja.

## Procedimento

1. O membro da igreja que deseje apresentar os seus pontos de vista à igreja é convidado a passá-los em revista com o seu pastor local ou distrital. Se o pastor ou o membro vêem a necessidade de um conselho mais amplo, o pastor transmitirá a apresentação escrita do membro ao presidente da missão ou associação local. (No caso de pessoas empregadas por uma instituição denominacional, a transmissão pode ser feita através do chefe da instituição.)

2. O presidente da missão ou associação pode, ele próprio, encarregar-se do assunto, desde que assim satisfaça o membro da igreja, ou tomará providências para que o assunto seja submetido a uma comissão *ad hoc* de experientes estudantes da Bíblia (não esquecendo a disponibilidade de competentes teólogos das nossas instituições educacionais). O assunto deve ser apresentado aos membros da comissão sob forma escrita, e a decisão de os convocar como comissão para estudar o assunto, ou de ouvir o membro de igreja em pessoa, dependerá da reacção recebida dos leitores da apresentação.

3. Se os passos indicados não conseguirem satisfazer o membro que apresenta os seus pontos de vista ou os irmãos a quem foram submetidos esses pontos de vista para estudo, ele ou eles pedirão ao presidente da missão ou associação que leve o assunto ao presidente da união para ser

considerado ao nível da união. (Em conselho com o presidente da união, o presidente da missão ou associação local pode combinar os passos 2 e 3, levando logo de início o assunto ao nível da união).

4. Dependendo da importância e seriedade dos pontos de vista apresentados, e da satisfação das pessoas envolvidas no assunto até este ponto, o presidente da união pode, por sua vez, levar o assunto ao presidente da divisão para semelhante consideração.

5. Só depois de terem sido dados todos estes passos é que o presidente da divisão submeterá o assunto à Conferência Geral para ser estudado pela Comissão de Investigação Bíblica. Em tais casos, a apresentação do membro e as conclusões e recomendações dos diferentes grupos de estudo serão transmitidas ao secretário da Comissão de Investigação Bíblica da Conferência Geral.

6. A subcomissão administrativa residente da Comissão de Investigação Bíblica tomará providências para a consideração do assunto.

7. A Comissão de Investigação Bíblica apresentará as suas conclusões aos oficiais da Conferência Geral, que decidirão se as conclusões devem ser transmitidas ao Conselho da Conferência Geral, e em qualquer caso haverá um relatório para todos os que previamente tiveram que ver com a apresentação ou o estudo do assunto.

8. Como evidência de boa fé, o membro de igreja que faz a apresentação e todos os que a ouvem através deste procedimento são solicitados a absterem-se de toda e qualquer discussão pública dos pontos em questão, quer quanto à sua essência quer quanto ao procedimento, e tanto oralmente como por escrito. As comissões e o membro de igreja são solicitados durante este tempo a absterem-se de publicar ou circular ou de fazer que sejam publicados ou circulados quaisquer documentos que se relacionem com os pontos em questão ou com o pedido de serem ouvidos.

9. O membro que, desconhecendo o procedimento acima indicado, tenha publicado os seus pontos de vista, terá o direito de apresentar esses pontos de vista, tal como acaba de ser mencionado, para uma correcta consideração da sua situação e dos seus pontos de vista.

10. Um membro excluído da igreja que deseje apresentar os seus pontos de vista à igreja é aconselhado primeiro a exercer o seu direito de apelo para readmissão tal como vem indicado no *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (edição de 1974, págs. 67, 70, 241 e 242). Após a sua readmissão seguirá o procedimento acima recomendado. Excepções às disposições deste parágrafo estão sujeitas ao critério da organização à qual é feito o apelo e devem ser baseadas nos méritos do caso.

11. Dado qualquer passo no procedimento acima mencionado, o membro da igreja que faz a apresentação tem o direito de apelar para uma revisão do caso pela instância imediatamente superior da organização da igreja. Antes de fazer tal apelo é solicitado a considerar, com oração, o conselho dado em *Counsels to Writers and Editors*, págs. 43-51.